ISSN: 2358-8829

O DESPERTAR PARA A REALIDADE CLIMÁTICA: A MOBILIZAÇÃO DAS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL COMO AGENTE DE TRANSFORMAÇÃO URBANA

Ulyana Leippe da Cunha Filgueira [1]

INTRODUÇÃO

A crise climática deixou de ser uma preocupação distante para se tornar um dos desafios mais urgentes da sociedade contemporânea. Eventos climáticos extremos, o aumento das temperaturas urbanas e a degradação de espaços naturais evidenciam a necessidade de repensar a relação entre o ser humano e o meio ambiente.

Paralelamente à crise climática, observa-se um crescimento urbano acelerado e desordenado, marcado pela escassez de áreas verdes e pelo predomínio de paisagens concretadas. Esse modelo de urbanização compromete o equilíbrio ambiental e reduz as possibilidades de convívio entre moradores e natureza, afetando diretamente a qualidade de vida nas cidades.

Nesse cenário, a relação entre infância e natureza torna-se central. Tiriba (2010) destaca a importância do contato direto das crianças com o ambiente natural e do brincar livre ao ar livre para o desenvolvimento integral, alertando para os riscos de uma infância confinada a espaços fechados.

Diante disso, atribui-se à educação infantil um papel decisivo na construção da consciência ambiental e climática desde os primeiros anos de vida. Faria (2011) argumenta que o processo educativo não se restringe ao espaço escolar, mas se estende ao entorno, ao bairro e à cidade, o que faz da escola um espaço privilegiado para incentivar as crianças a atuar como protagonistas de mudanças em seus contextos de vida.

Esta pesquisa investiga as contribuições da educação infantil na mobilização das crianças para o enfrentamento das mudanças climáticas e para a transformação consciente dos espaços urbanos, tomando como referência o bairro de Nossa Senhora da Apresentação, marcado pela escassez de áreas verdes. Seus objetivos específicos são: a) contrapor as experiências de infância vivenciadas pelos pais no passado e por seus filhos na atualidade; b) averiguar como os pais percebem a relação dos filhos com o meio ambiente; e c) refletir sobre a importância da participação infantil na construção de comunidades mais sustentáveis.

[1] Graduada em Pedagogia pela Universidade Mauricio de Nassau, ulyfilgueira@gmail.com.

ISSN: 2358-8829

METODOLOGIA

A pesquisa é considerada aplicada de natureza exploratória, utilizando-se da pesquisa bibliográfica e da pesquisa de campo, com aplicação de questionário estruturado. Seu propósito justifica-se pela ampliação da temática investigada a partir do ponto de vista do público participante constituído por pais de alunos da Educação Infantil, buscando informações relevantes para subsidiar escolas e professores que venham a lidar com esta temática.

O estudo bibliográfico seguiu as orientações de Gil (2010), com análise de produções acadêmicas publicadas sobre o assunto, consolidando o referencial teórico. Quanto ao trabalho de campo, Minayo (2024) afirma que ele permite maior aproximação do pesquisador com a realidade que formulou.

Como instrumento de coleta de dados, aplicou-se um questionário estruturado, pelo Google Forms, a uma amostra de 27 pais de alunos da Educação Infantil do Centro Educacional Icapuí, escola privada situada em Natal/RN, no mês de setembro de 2026. A participação foi voluntária e confidencial, com consentimento dos participantes, que foram informados de que os dados teriam finalidade exclusivamente acadêmica, em respeito aos princípios éticos da pesquisa com seres humanos.

REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Infância, natureza e brincar livre: a criança em sua relação com o meio ambiente

A estrutura atual das escolas de Educação Infantil, em sua grande maioria, segue um padrão formal de ensino que privilegia a organização para o limpo e causa distanciamento dos ambientes naturais, com visão utilitarista e indiferente à natureza. Assim, a criança tende a não se considerar parte da biodiversidade e vive a infância em espaços fechados por períodos consideráveis. Até os espaços destinados ao brincar estão cimentados, revestidos por grama sintética e ocupados por brinquedos estruturados que não cultivam a criatividade.

Tiriba (2010) propõe a seguinte reflexão: “é possível questionar e intervir nos espaços educacionais em busca da instituição de novas formas de viver e de pensar a vida na Terra?”. A natureza, como a própria vida, convida as crianças a usar o corpo e o movimento para explorar, questionar, brincar e se encantar a cada descoberta. Por isso, é preciso reinventar as rotinas e espaços da Educação Infantil com vistas ao entorno da escola, desemparedando os olhares para as possibilidades naturais ao nosso redor.

ISSN: 2358-8829

Somado a isso as interações e as brincadeiras norteadoras das vivencias na Educação Infantil devem ser o ponto de partida para fomentar o desejo pelas descobertas e pela curiosidade. Kishimoto (2001) defende que brincadeira e educação ocorrem simultaneamente e que permitem a criança ampliar seu conhecimento naturalmente e de forma significativa.

Dessa forma, a educação ambiental tem relevância desde a Educação Infantil, ao ligar o ser humano à natureza e ensinar as crianças a amar e cuidar do ambiente que as cerca. As práticas pedagógicas devem, portanto, partir das manifestações infantis e de suas expressões ao brincar, em compromisso com a preservação, a cidadania e o cuidado de si e das outras espécies, de modo que as crianças construam sentidos para suas vivências e escolhas e desenvolvam solidariedade, equilíbrio e qualidade de vida.

2.2 Cidade, urbanização e infância: por uma justiça climática desde a educação infantil

O contexto arquitetônico em que a escola se insere reflete a fala de Krenak (2022) sobre a arquitetura moderna, que "ampliou a máxima de que a civilização precisa de cimento e ferro". Esse é o modelo das escolas de Educação Infantil das zonas urbanas, em bairros que exaltam ruas asfaltadas e parques e praças rendidos ao concreto.

Krenak (2022) convida ainda a frear a fúria social de "meter asfalto e cimento em tudo", lembrando que até os córregos dos rios estão sufocados por placas de concreto, mentalidade agravada por políticas sanitárias e pelo planejamento urbano. Daí a reflexão: "Como reconverter o tecido urbano industrial em tecido urbano natural, trazendo a natureza para o centro e transformando as cidades por dentro?". Nessa ótica, busca-se o engajamento das crianças da Educação Infantil na consciência cidadã necessária às mudanças de mentalidade e de qualidade de vida.

Da mesma maneira, Kramer (2016) revela que a proposta pedagógica na Educação Infantil deve ser caminho, e não lugar estático: nasce de uma pergunta que busca respostas comprometidas com o diálogo e com problemas reais. Trata-se de um desafio que fundamenta um "projeto político de sociedade e um conceito de cidadania, de educação e de cultura".

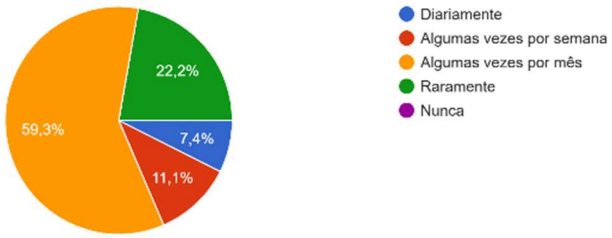
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção são apresentados e discutidos os dados obtidos por meio do formulário online, respondido espontaneamente por 27 pais, com 6 perguntas fechadas sobre o contato das

crianças com a natureza, a comparação entre as infâncias dos pais e dos filhos, a consciência ambiental infantil e as atividades escolares sobre o tema.

Em relação à presença de áreas verdes próximas à residência, mais de 42% dos pais a consideraram pouco presente, o que sugere que, mesmo havendo esses espaços, eles são limitados para o convívio cotidiano das crianças e suas famílias.

Gráfico 1 – Frequência do contato com a natureza

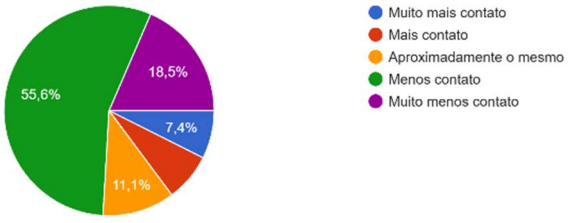


Fonte: Google Forms, 2026.

O gráfico 1 mostra a periodicidade do contato das crianças com espaços naturais, como praças, rios e sítios: mais de 50% dos pais responderam que ele ocorre apenas algumas vezes por mês. Observam-se, portanto, vivências ocasionais e fragmentadas com o ambiente natural.

Mais de 80% dos pais avaliam que as crianças demonstram curiosidade e interesse ao estar em contato com espaços naturais, o que favorece a observação e a exploração desses ambientes.

Gráfico 2 – Comparando as infâncias

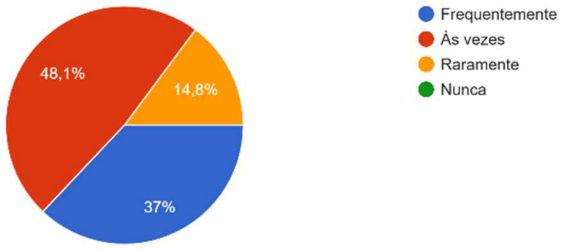


Fonte: Google Forms, 2026.

Na comparação entre as infâncias, mais de 55% dos pais responderam que seus filhos têm menos contato com a natureza do que eles tiveram na infância, o que sugere redução da convivência com ambientes naturais entre as gerações, fato percebido pelos próprios familiares.

Quanto às atitudes de consciência ambiental, os pais indicam que elas já estão presentes entre as crianças, em níveis diferentes: mais de 30% dos pais responderam “às vezes” e mais de 29%, “sempre”. Como a resposta “às vezes” é ligeiramente maior, parte das crianças ainda está em processo de consolidação dessas atitudes.

Gráfico 3 – Atividades relacionadas ao meio ambiente



Fonte: Google Forms, 2026.

Sobre atividades relacionadas ao meio ambiente e às mudanças climáticas, mais de 40% dos pais observam que a escola as realiza apenas “às vezes”. Como a frequência é pontual, é possível que essa mediação ainda não esteja incorporada à rotina escolar de forma sistematizada.

De modo geral, as crianças demonstram interesse e curiosidade em contato com ambientes naturais, embora essas experiências sejam ocasionais e, segundo os pais, menos frequentes do que na infância deles. As atitudes de consciência ambiental ainda não são consistentes na rotina, e as atividades escolares sobre o tema ocorrem de forma pontual. Os resultados reforçam, assim, o papel da escola em promover oportunidades mais sistematizadas de conhecimento, com a família oferecendo experiências continuadas. Destaca-se, contudo, que os resultados refletem a percepção dos pais participantes, constituindo um recorte específico que não pode ser generalizado para outros grupos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa possibilitou compreender como ocorre o contato das crianças do Centro Educacional Icapuí, localizado em Natal/RN com a natureza, baseada na percepção dos 27 pais participantes. Os resultados indicaram a pouca frequência com a qual as crianças do bairro de Nossa Senhora da Apresentação se relacionam com ambientes naturais.

Outro dado relevante observado foi perceber uma menor frequência de vivências em contato com a natureza entre a geração dos pais e a geração atual dos seus filhos. Considera-se que a baixa presença de áreas verdes no bairro estudado possa estar associada a essa frequência.

Conclui-se que experiências significativas e frequentes com o meio natural, promovidas pelas instituições de ensino, podem contribuir na formação de crianças da Educação Infantil participativas, conscientes e responsáveis em relação à preservação do ambiente. Destacam-se atividades como plantio de árvores em calçadas, distribuição de sementes e mudas, revitalização de praças, criação de hortas comunitárias, organização do descarte adequado do lixo e participação em ações de preservação de áreas verdes.

REFERÊNCIAS

FARIA. A. B. G. de. O Pátio escolar como ter[ritó]rio [de passagem] entre a escola e a cidade. In: AZEVEDO, G. A. N.; RHEINGANTZ, P. A.; TÂNGARI, V. R. (Orgs). **O lugar do pátio escolar no sistema de espaços livres:** uso, forma e apropriação. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROARQ, 2011. p. 37-49.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** São Paulo: Atlas 2010. 5.ed

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

KRAMER, Sonia. Propostas pedagógicas ou curriculares de educação infantil: para retomar o debate. **Pró-Posições**, Campinas, SP, v. 13, n. 2, p. 65–82, 2016. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643954. Acesso em: 26 set. 2026.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2024.

TIRIBA, Léa. **Crianças da natureza**. In: Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – perspectivas atuais. Belo Horizonte, novembro, 2010.